

***ALEGRIAS
DEVOLVIDAS***

Livro 32

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



O SILÊNCIO DOS FARÓIS

Tendo os olhos cansados de tanta adoração. O que não alcanço entender é o porque do silêncio dos faróis, que se negando a ouvir os barulhos, bastando-se com iluminar, estejam contentes em seus lugares, altivos e impassivelmente funcionais, parecendo estátuas.

Porque tanto temer a esse mar que é uma das formas de natureza? Seus murmúrios poucos ouvem, seus gemidos se fragmentam na rebentação das pedras que o recebem gentil, deixando-se cobrir de espumas. Fingido mar, quando todos pensam ali estar sua morte incessante ele retorna ao curso de sua máxima função, entre marés que levam e trazem o mar, ele sóbrio e abstinente, respeita as luas que ordenam os movimentos e avisa limites.

Entre raciocínios que embaralham a dignidade e a estima, juntando insolentes e ofensores, o maior perigo é perder-se a luz do farol, acabando de vez a noção do rigor e os esforços para restituir o caminho perdido.

VIDA

Vida, faça-me uma gentil consideração, ainda que seja somente uma gentileza, faça-me a oferta do sossego. Então não precisarei render-me, tentarei a captura do perdão, descobrirei uma forma de repartir sonhos e conceder generoso tempo ao devaneio. Preciso ter alguma luz para não estranhar o reencontro com a alegria. Guardo meus delírios para espaços íntimos; eles frequentam minha privacidade, conhecendo e decifrando os encantos que me arrebatam a razão.



CANTA CORAÇÃO

Canta coração uma canção sem tormentos, sem dores, com um começo cheio de venturas e lembranças. Esqueça as mágoas para refazer o milagre da inovação e da renovação misturados, passando a limpo as desesperanças e as baixezas que acompanharam algumas despedidas. Evoca algum anjo menos

atormentado para renovar as esperanças, para fazer menores as dores, os fins e os descaminhos.

Qual tom deverá ter a flor que atraia e não traia? Qual dom deverá ter a música que te faça parar o tormento e dê o tom ao ouvido. Quem será a pauta que te faça compositor? Que tolerância e desconcerto farão o concerto.

Canta coração para que meus inimigos saibam o que foi feito das informações esterilizantes que me ofereceram.



AINDA HÁ VIDA

Vida, faça-me uma gentil consideração, ainda que seja somente uma gentileza, faça-me a oferta do sossego. Então não precisarei render-me, tentarei a captura do perdão, descobrirei uma forma de repartir sonhos e conceder generoso tempo ao devaneio. Preciso ter alguma luz para não estranhar o reencontro com a alegria. Guardo meus delírios para espaços íntimos;

eles frequentam minha privacidade, conhecendo e decifrando os encantos que me arrebatam a razão. Uma agradável e única inspiração me faz tão simplesmente disposto à partilha que me encanta. Emancipo e doo todos os amores indisponíveis porque deles só restam os vestígios do que fui. Nessa doação, tento recuperar-me, recriando novos interesses, novidades. Persistem em mim várias pretensões, algumas inconfessadas; das que posso nomear: tento iluminar alguma escuridão, matar alguma fome, promover alegrias, contar histórias com finais felizes, pedir alguns perdões e agradecer aos que me emprestem seus olhares confirmatórios.



EU ULTRAPASSADO

Não posso explicar-te em poucas palavras o que necessitaria dizer com muitas, por isso prefiro o meu silêncio, esgotado por uma surdez que insiste em me abandonar nesse estado de medo, raiva, desabilitado

grito por insubordinação minhas ânsias despertando pela ironia e o descaso.

Meus pais me haviam dado a palavra de que bastava assim como fui para ter o mundo a meu favor, creio que esses mortos ficaram sem púlpito e oração tal a desconsideração, com uma expectativa que não se reproduz. Essa ruindade, má, seca, leviana que não habitava aquela realidade, hoje habita e invade até os meus sonhos inventando novos idiomas, validando estranhas regras, permitindo o ilícito reivindicar patente e registro, dono e divulgador, triunfante de suas ações.

Deveria haver mais estacionamentos onde deixar-se sem ter que pagar tanto por ele.

De tão compacto parecia um bloco, acabei transformado em um frágil que se exila para sobreviver. Nunca o desconcerto mandou tanto por aí afora como agora. Escolto meus devaneios avisando-me da defasagem e pedindo-me silêncio para evitar o vexame que de mim esperam aqueles que me cercam condenados a aguentar meu ultrapassado discurso que clama por retrocesso e luta pelos mesmos valores.

Meus olhos de tanto olhar, cansados pela procura gastaram a cor do que vejo, quase cinza minha esperança

se nega a adotar a blasfêmia, embora use sinônimos, não consegue disfarçar sua decepção. Todos os dias, acordo com o propósito de pôr para longe de mim o chato que me tornei, o ranzinza que não quero e não posso ser. Contra meus princípios tornei-me naquele que repudio, já me separei de mim pondo grades, ensurdecendo, fiz-me transitória companhia, deixei de levar-me recados mais amigos, parei de escutar os que me insuflavam para fazer guerra contra minha intolerância, abreviei o tradicional na esperança de atualizar-me.

Mais arrependido fico quando a intenção de uso é majoritariamente romântica e a alma não acompanha. Meus versos reproduzem a graça enquanto meus pensamentos não respeitam nenhuma satisfação. Embora busque conformar-me com as palavras escritas, foi-me necessário escrevê-las. Como voz anônima grito o que não me convém dizer e no anonimato dos personagens valido minha indignação com as injustiças, com as guerras, com as violências da escola, do trabalho, das iras privadas nesse mundo repleto de não-pensantes, conformados e atores de uma história escravizante que insistem em cronificar. Pensei que pudessem me haver mentido, depois constatei que

houve a fidelidade, houve a amizade, houve o pacto e com seu respectivo cumprimento. Tenho várias testemunhas, sou uma delas.



AINDA ME ESCONDO

Uma dor hostil bolina minha paciência, dizendo-me: até quando, por que tardas? Até onde tudo fica como sempre, no nada? Não aguento ver-me tão afligido. Ainda me escondo medroso de tudo o que minha mente possa recordar. Depois de haver tido todas as chances de esquecer, aqui me encontro outra vez recuperando um sentimento aderido a uma memória deixada por aí. Ainda que soubesse ser impossível, viajei no tempo, tive a impressão que me transportava para um dia feliz do meu passado. Depois de assistir-me naquela cena, tentei recuperar um pouco da razão. Como que imitando minha imaginação, sonhava desperto, feliz, já que havia pago todos os pecados muito antes. Senti que sobre aquele momento depositava muitas outras

coisas. Impossível reconhecer o lugar; ainda que o lugar fosse o mesmo, o tempo era outro. Acostumado a preencher as coisas ausentes, forcei um cuidado insuficiente, alimentando uma melancolia que faz anos não se move do lugar.

Pretensioso fui ao pensar em congelar o passado como eterno; não considerei que as lembranças são antigas e a memória esquece.

Prefiro andar descalço do que receber o abraço frio, desmotivado, obrigatório como uma assinatura formal. Essa minha mania de ser, encerrado em casa, me priva dos excessos, me protege dos exageros. Fico na espera. Logo chegará, antes que seja tarde, uma novidade que ninguém sabe que vai acontecer. Virá pelo resultado, pela atração, a única que não me teme. Virá para adoçar a minha pena, aquecer-me a desatenção. Como água santa, me protegerá, impedirá meu rosto de virar sal. Enquanto isso, refugio-me no meu olhar sempre moço que colhe motivações até encontrar outro olhar que lhe faça sentido.

Imagino meus dias, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento

primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida até seu momento final.



TORMENTOS CALADOS

Um longo aprendizado se fez necessário até que eu estivesse suficientemente consciente dos meus limites. Quando me encontrei em vias de chegar a competir, inclui e admiti o possível triunfo dos outros. Livrei-me das assistências contaminadas. Tive a pior das impotências: assistir a que o gozo me deixasse. As contradições expuseram minhas vergonhas, à nudez. Exorto-me a não ficar triste, reúno todas as minhas forças contra o medo que me frequenta. Encontro ali o argumento que buscava para justificar a minha razão de viver; ainda sofro contra a minha vontade. À medida que o tempo passa, tento evitar os padecimentos. Faço parceria comigo, uso os rudimentos da conciliação. Preparo um lugar, um colo onde depositar esta criança adormecida que seus tormentos cala.

O PESADO INCÔMODO

Não tenho dúvidas de que as concessões não alcançam lograr mais que pacificar um pouco. Sobressaindo, o pesado incômodo inquieta e permanece, invade a espera. Não busquei a paz no único lugar onde havia estado: dentro de mim.

Minha dor é viva, me acompanha aonde eu vou. As lágrimas seguem as dores, nelas me farto de mostrar as penas. Sempre me falta a mesma coisa. Já faz quase uma vida que não mostro minhas vontades. Apesar de tudo, sigo vivo, esperando um agrado amparado, com o qual viveria mais tranquilo, dormiria menos sozinho. Que mágoa é esta que me entristece?

PERGUNTO

Lanço um novo olhar sobre a natureza, busco algum sinal de coesão que me faça retornar a um tempo de harmonia, quando a paz era coisa séria. Antes, concebia meu universo com um início desordenado. Caí numa vastidão desorganizada, mas não fui somente caos, tentei coordenar minha trajetória. Passo por testes que dilatam muitas procuras, refuto o que considero, vivo reabrindo a questão das origens, busco evidências, nada mais faço do que aceitar as contradições; talvez assim, aumente as chances de aprender algo novo.

Que tipo de soluções devo propor-me? Não consigo dar-me respostas satisfatórias, em tratando-se de um elemento primordial à minha paz; cultivo um desassossego que funde em mim uma tolerância de conviver com a minha ignorância.

Em direção aos últimos estágios da vida, aprimoro perguntas, dou-me o direito de declarar a imensa curiosidade que me habita.

SONHAR

Em um tempo, quando não lembro, sonhava com estados de espírito, personagens disfarçados. Enamorado das minhas próprias sensações, ia fundo, inventava percebendo a diferença entre essência e fantasia.

Pensava ter um tempo infinito, podendo sonhar todos os sonhos, fazendo-os ir e vir, um jogo intrínseco à mercê do meu desejo.

Hoje, consolo-me com um sonho, uma palavra que me acolha com ternura, um ar que possa ser só meu.



HAVENDO SONHOS

Incluo-me a assistir na vida como as pessoas entram e saem deste magnífico teatro sem cortina. Como aprendem ao costume dos rigores, não podendo sair, uns ensaiam fantasias de sair bem.

HABIENDO SUEÑOS

Me incluyo a asistir en la vida como las personas entran y salen de ese magnífico teatro sin cortina. Como aprenden a la costumbre de los rigores, no pudiendo salir, unos ensayan fantasías de salir bien.



A DOR DA SAUDADE

Faço notável a dor da saudade, seja pela ausência ou pela presença do desapego. Nas devidas proporções, a validade dos encontros espera aconchego até mesmo nas despedidas, quando nelas delicados sentimentos são sequestrados para demonstrar o tamanho da paixão decepcionada. Desenganado, abandono-me à tristeza que me captura destruindo o brilho investido no amor que ora parte. Encerrados os sonhos futuros, veem a transformação da certeza em pó, inauguro meu tormento, inevitável dor do amor não correspondido. O abandono instaura o pior dos meus tempos, inútil usar a

razão. Penso haver cometido uma loucura amando sem garantias, abraçado aos improvisos; blasfemo por puro ímpeto, quando seria prudente e necessária alguma salvaguarda que me ajudasse a confiar na reconquista. Chego ao extremo da dissociação persistente, estanque, motor visível da minha desordem. O abandono amplia a dor do amor que não mais existe. A reclusão que se segue se enlaça com outros menosprezos, fomentando outra crise que, depredadora, avança de maneira irresistível até chegar à dor da saudade.



ESSA DOR

Que dor é essa que me invade sem aviso, intrometendo-se na minha paz? Como parar esse sentir se ele invade meu peito, escorre pelos meus olhos e funciona como sentinela avançados de tudo o que propositadamente me esqueço? Reinvento um novo sentido para essa dor que me acompanha. É uma dor alheia que adoto como se fosse minha, faz-se tão carne que quase a confundo

comigo. Adoto uma covardia que me esconde dos enfrentamentos, dos injustos castigos que dilaceram e me exaurem. Estanco os enlouquecimentos que tal dor é capaz de produzir em mim. Essa dor que desembarca na minha vida e acompanha meu existir. Espaçosa como toda dor, ela me ocupa, usa minha privacidade, desenterra minha indiferença, faz ressoar o gemido que a acompanha, derrubando minha frágil e insustentável coragem.

Decreto luto, igualo as perdas, invento desculpas e fugas para não mais me espantar, tento persuadir-me de que essa dor não é universal, invento que muitos não a sentem. Cansado de tanto doer, meu corpo me cala o discurso e se deixa levar pelo sofrimento. Uma lei me condenou a sofrer em meu canto.

RETRATO

O retrato colocado sobre a luz que o ilumina, estático na parede, fixa uma imagem antiga de mim que só reconheço com um esforço de memória. Calças curtas a mostrar as pernas ainda não crescidas. De cada lado do meu sorriso uma mão afável a tocar-me levemente os ombros, duas figuras mais velhas a ladear-me como protetores da minha fragilidade. Sob aquela tutela meu olhar deixava escapar uma curiosidade de que não me lembro, pois na fotografia eu não olhava para a frente. Detrás dos personagens, um rádio capelinha que não emite som, a mesa oitavada que o sustenta coberta por uma toalha de crochê. Foto assim, só em data comemorativa. Não me lembro mais do quê...

BUSCAREI

E quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Haverá alguma outra coisa que eu deseje mais do ser lido por alguém?

Ensinarei tolerância ao medo, a quem o tema, inventarei uma calma que convide a prudência a ficar abraçada à serenidade até que a vigília faça valer-se tanto, que tudo pare até que chegue suave e importante como um sonho. Limitada a extensão dos vícios não se desperdiçará a próxima hora, não fugirei, comprarei o pão, tomaremos o café até lembrar que morreremos inconclusos com a vida, sempre nos faltará algo. Faço uma extensão para que a vida não se desprenda assim sem maiores motivos. Quererei livrar-nos do incessante convite ao descanso eterno que nos ronda com uma assídua presença, um forte abraço selará uma proteção tão verdadeira quanto o ar que respiro, que nos embarquem em águas tranquilas com todas as vantagens do amor que nos abriga e propaga o que acostuma ao melhor, ao sal da vida.

LEMBRANÇAS

O que me alcança perceber é que uma torrente que não posso ignorar, descendo memória abaixo e subindo peito acima inunda, sem consolo o tempo perdido, muito embora o atual renove e crie novos ares.

Sem epilogar, toda a aventura de viver não cabe em nenhuma descrição, compensa, mas não autentica; acerta o verbo, mas erra o adjetivo; levanta a fronte e baixa os olhos. Quando se ergue a memória, a paz não escolhida se interrompe. A vontade acima de tudo, comete erros que a prudência não tolera

Erguidas as imagens, transformadas em lembranças entusiasmadas, dou-me o dever de viver e reviver.



QUANDO EU ERA CRIANÇA

Quando criança, a fragilidade me fazia confundir nomes, identidades e a localização no mundo.

As esperas me traziam uma espontaneidade dando

lugar prioritário à toda alegria que em intimidades era a personagem principal, atuando viva, ávida. Interpelando a dúvida e a incerteza eu criava resistências à tristeza disfarçada de realidade, de prudência e de perigo. Convivendo com oposições sistemáticas foi aquele um bem estar que incomodou, que neutralizou as ofensas, e administrou adversidades. Aquela alegria adornou o risco avaliado dissipando nela o medo investido. Não faltaram esforços para que eu perdesse de vista a promoção do prazer, poucas vezes senti falta da censura que me proibia rir. Embora já tenha ocultado esse sentir do meu riso, ele era ponte de ingresso social.

Menti a respeito do meu próprio sentimento acreditando mitigar a inveja.

Brinquei com o meu melhor bom humor que enaltece porque vivendo faz tanto tempo ele me dá rendimentos próprios, me vincula ao viver com rumo, com meta e com afeto.

Sigo levando comigo, de um lugar para o outro, uma vaga lembrança de haver sido amado incondicionalmente, remotas sensações que me transportam para quando eu tinha apenas um sorriso e um engatinhar. Transportando-me ao passado remonto algumas cenas

em que alguma sensibilidade levava-me a guardá-las como reféns.

Se eu tivesse o propósito de cuidar de tudo o que deixei no passado, trataria com minhas desconfianças, meus medos, meus erros, minhas eternas e irrecuperáveis saudades daquele simples viver, não se tratava de algo especial, tornava-se importante porque era um cuidado agradável de ser recebido, carinhos corporais e torrentes de olhares carinhosos.

Vi-me enroscado num espeto devorava um pedaço de churrasco. Seguiu-se daquele lugar, um cortejo de bons antecedentes orbitando meu destino. Vários personagens de quem já falei, escrevi, estão anexados a mim desde quando eu era criança. Vou por diversas partes ao mesmo tempo, vivo por todos eles, com eles, não reparo que eles me seguem, recuperei os amigos que deixei por lá. Nada substitui por coisa nova, refeitas as contas apenas me recordo que aos primeiros resgates me ponho lentamente a chorar de saudades.

ESPONTANEIDADE PROGRAMADA

Além das tuas explícitas demonstrações, não baseio em vagas opiniões as evidências prévias desta imensa invenção que pensa e decide por mim. Tendo a ter certeza de que a tua intromissão sempre é equivocada. Tens ousada arrogância de prever-me, adivinhando. Fazes questão de dar-me uma receita que me fará imediatamente feliz ou infeliz. Frente ao fracasso manifesto de dizer-me o que não pedi para ouvir, acabo discordando da idéia de que as desgraças vieram para ficar e de que a tua desistência convence o amor a não existir, a não chegar. O fictício da tua opinião me constrange por sua enorme chance de erro. É impossível sustentar o enfrentamento do que pensas com o que acontece. Sem me negar a aparecer, em nome do bem me nego a renunciar. Apresento sempre mais uma solução, enquanto sempre inventas um novo problema.

A LINGUAGEM DAS PALAVRAS DISCRETAS

Meus silêncios guardam palavras renunciadas. Voltado a cuidar dos assuntos relevantes, torno as palavras discretas, último ato onde recordo o passado. Dispus cumprir com uma escuta em igual ordem, me acerquei do que me anima, reparti os afetos mais favoráveis. Evitei apagar vestígios, quero me animar, fazer da alegria algo mais do que passageira.



OFERTANDO CUIDADOS

Preparo a roupa de domingo, reviso as instruções de como semear a concórdia, como recuperar a poesia, como amparar toda tristeza que me cerca. Preparo-me para manter um nobre sentimento que me dê fôlego para espalhar ofertas de cuidados e amores gerais. Faço força para não me meter em dificuldades fora de hora, ponho uma alegria no aborrecimento, abro discretamente a porta e deixo entrar uma ternura que pouco me frequenta. Pronto! Estou pronto para sair por aí vestido de domingo.

UM QUERER ABRANGENTE

Vim encontrar-me com um antigo sonho adiado. Ainda não será esta a derradeira procura. Porto uma vontade de inquietar meu viver dando-lhe um sopro doce como mel e uma leveza como a do vinho. Acordo um querer abrangente que converte em ambição uma quietude que acabou cedo, fazendo entrar em mim um silêncio que me fecha as portas. Convertido em guardador de memórias, perdi as forças, me meti em um frasco, brindando o passado. Envelheci meu aspecto até que me deixassem em paz. Tanto fiquei, que, ao me ver, não me reconheci naquele que ali jazia. Precisei me revestir de uma coragem perdida para sair com ares de alguém que já não sou. Um rápido ajuste rompeu minhas corriqueiras decepções. Lidar com as próprias fraquezas exige coragem e astúcia, não é qualquer um que se poupa das secretas culpas com exílios punitivos, nem branqueia a própria solidão com gesso e um espírito disfarçado de alegria etílica. Abandonar essa mania de inventar conspirações contra o próprio passado pede uma força para atrair dádivas. A liberdade de espírito é uma chance única para abandonar a escravidão da autocomiseração, embebendo na imaginação os mais arrojados desejos.

Mas a quem importa que eu seja livre ou não, que em mim cresça a dignidade ou a tristeza?

EMENDANDO OS CORAÇÕES QUEBRADOS

Nesse lento envelhecer, convivendo com os líquidos que saem precipitados, de improviso, sem aviso, em qualquer lugar, como precipitação momentânea, sem consulta, a aflição deixa suas marcas.

Todas as artes de que o corpo é capaz produzem encantos, sustos, olhar irrequieto que corre e percorrem quilômetros de peles até encontrar o gosto, o sabor, o cheiro, a cor, a elasticidade que torna os sonhos possíveis, uma via a ser explorada e uma vontade de fazê-la familiar. O desejo faz sua convergência. Meu corpo é o verdadeiro lugar do tempo. Vivo de inesquecíveis passagens -as que engrandecem e as que envergonham. Submeto todas elas à categoria que ameniza a dor e à exaltação para poder digeri-las. Acabo em um enredo que tenta ensinar-me uma tolerância estendida. É quando me sinto fazendo parte de um universo harmônico. Faço a proeza de seguir vivo, buscando aprimorar a arte de viver, tirando o foco das dores e apoiando-me no que não dói. Enquanto posso, empurro para adiante aquele sereno lugar da paz eterna, o espaço mais evitado por todos.

RECORDAR IMUNE

Dói tanto ser feliz que se pode sofrer por falta de sustentação, de tanta beleza mostrada pela vida como fonte de mistério e de motivação.

Inquieta-me esse mundo perdido pelo caminho, esse afã de rir por rir, de incluir o sorriso das crianças como aurora, como um favor da vida, de poder ver que nele nasce a esperança.

Convivo com uma desigualdade entre o que fui e o que sou, e não quero lembrar-me como glória passada, melhor incluir-me todo neste que evoca e recupera. Em poucas palavras, quero dizer que tenho uma memória nova, algo seletiva, todavia um pouco mais cansada. Posta à prova, não aceita mais ser posta à prova, porque já adquiriu independência, não necessita esconder nenhuma mágoa, descartou as ofensas e se oferece para o que vale a pena, pelo menos para mim. Frente a um descontentamento, a memória me favorece com sua ausência; diante de um desafeto, não me dá acesso ao revide.

UMA EVIDÊNCIA DO AMOR

O que faço do amor? Onde me exilo? Já não basta tanta negação, não me contento com fantasias, promessas e milagres. Parte de mim uma lembrança, um retrato guardo como cena viva que ainda me faz companhia. Resguardado do esquecimento, retorno prazer, anulo onde havia uma ferida. O que pedir mais depois de haver amado tanto?

Não posso alegar descontentamento. Foram poucos os danos e muitos os dias contentes. Parece-me justa a gratidão com que comemoro haver tido tanto. Ganhei encontros que deram substância à minha memória. Foram-me concedidas algumas graças não pedidas e, sem promessas, realizaram-se muitos sonhos, alguns desejados, outros nem sequer imaginados.

Da vida quero apenas que não me tirem o que já ganhei. Se pudesse, faria um último pedido: guardar o que fiz e contar o que vi.

O GESTO QUE ME REPRESENTA

O gesto que me representa antecipa meu ser e inventa uma forma em que me conto, ainda que sem consciência de tamanha exposição. Afinal é isso mesmo o que me fundamenta como gente. Minhas inquietudes me anunciam em constante movimento, seja eu dono de meus desígnios ou porta-voz do silêncio que o mais profundo da alma transmitiu. Invento tramas que suponho ser o começo, quando, na verdade, são a síntese do que me precede. Às vezes, sinto as diversas vozes que me assopram o que dizer; elas surgem como uma expressão espontânea a dirigir minha língua na construção de algo que não pensei.

O corpo me reclama partição intensa e dirigida. Submetido à condição de eleito pela sensibilidade que me faz construir este texto, reafirmo minha alegria por criar e poder usar palavras próximas ao que sinto, de tal forma que a descrição não se afaste tanto do vivencial. Em todas as frentes ponho a totalidade do vivido e do aprendido, uso como veículo que me permite transladar-me por muitos ouvidos, paisagens, paciências.

QUASE HUMANOS

Portador de uma inquietude, ainda nutro alguma crença. Sustento que a morte por desnutrição é alimentada pela indústria do descuido, ocupando todos os espaços onde os humanos mostrem suas fragilidades. Então, aquilo que seria uma proteção acaba sendo uma ameaça, um fracasso. Proponho um alerta, uma proposição vários mandamentos. Pouso uma decepção na porta do tribunal. As leis clamam por quem as exerça, a justiça pede companhia. A fé deambula encontrando igrejas de portas fechadas, os quartéis se desorganizam na paz e o hospício abre as portas para facilitar a livre circulação entre os de dentro e os de fora. O fervor que os despossuídos ainda carregam volta-se contra eles toda vez que um santo surdo lhes vira a cara. Nestas deslealdades nenhum seguro cumpre contrato tal a indenização. Os navios sem leme e sem âncora se desfiguram, já não flutuam, tornam duvidosas suas rotas passando a portar uma chegada e uma partida delirante.

Precavidos, os que nada tem, tratam de não perder mais nada, porque se sem a pobreza que mantém só lhes restaria a miséria.

Este conjunto errôneo, treina compor uma raça nova, se precipita contra as ruínas que uns poucos determinam a uns muitos. Determinam antecipadamente muitas penitencias, martírios fingindo acreditar na promessa de que depois vem um céu. A necessidade se mete na vida destes acelerando uma dureza que escasseia o sentimento roubando a ternura, tornando-os quase humanos.



ESSE QUE ME TORNEI

No meu rosto se misturam a alegria e a tristeza. Moldo meu sentimento. Conto as diversas vezes que diferentes ausências me trouxeram saudades. Meu andar pelo mundo mudou meu interior. Alterei-o sem saber que o fazia. Fracasso no emprego das emoções, me propus limitar a dor para que ela não doa tanto. Mudo o ângulo para não me acostumar a uma mesma vista. Sigo formalidades como se as houvesse incorporado. Nomeio como tutor das minhas esperanças alguém

que não deixe escapar a ocasião e atente para o que digo. Ficaré encarregado dessa reforma um outro desocupado, algum garimpador de saudades que promova e divulgue minha leitura do mundo.

Altero itinerários com a fantasia de conhecer novos lugares, embora minha fantasia e minha sombra sejam as mesmas de sempre. Ainda assovio quando só, visando fazer-me companhia com um ruído que possa controlar meus medos infantis, encravados e permanentes. Cato lembranças que me imponham uma paz.



REGRAS COMPARTIDAS

Vivo aos pedaços, inventando-me um egoísta enlouquecido ou criando uma lembrança que nunca aprendi a forjar.



Roberto Curi Hallal

